



PPGHCTE UFRJ.BR &lt;hcte@hcte.ufrj.br&gt;

---

**Fwd: prova de espanhol**

1 mensagem

**Regina Dantas** <regina@hcte.ufrj.br>

11 de setembro de 2018 22:28

Para: HCTE &lt;hcte@hcte.ufrj.br&gt;, Robson da Silva Borralho &lt;robson.borralho@nce.ufrj.br&gt;

Prezado Robson,  
informo que a aluna Daniele Martins dos Santos (orientanda do prof. Ivan da Costa Marques) realizou a Prova de Segunda Língua (idioma Espanhol) na data de ontem - 10/09/2018).  
A aluna recebeu o conceito A.  
Por favor, guarde os anexos na pasta da aluna.  
Grata

Regina

--  
--

Regina Dantas  
HCTE/UFRJ  
[www.hcte.ufrj.br](http://www.hcte.ufrj.br)  
Conselho Consultivo da SBHC  
[www.sbhc.org.br/](http://www.sbhc.org.br/)

**"As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo". (Epicuro)**

---

**2 anexos** **prova espanhol Daniele Santos.pdf**  
14K **la corte suprema en escena.pdf**  
1271K

# Formas, instrumentos y prácticas

## Introducción

### UN OBJETO DE ESTUDIO EN CRISIS

El contexto de inestabilidad política que siguió a la crisis económica de los años 2001 y 2002 en Argentina estuvo marcado por el escepticismo público respecto de las instituciones políticas y jurídicas, situación que confluyó con críticas de larga data respecto del funcionamiento del sistema judicial argentino, particularmente de la Corte Suprema. Así, cuestiones de transparencia, *accountability* y seguridad jurídica rápidamente se transformaron en temas políticos prioritarios impulsados, en particular, por el discurso y la acción de organizaciones no gubernamentales (ONG). Mi vivencia y lectura de estos hechos, y una suerte de frustración respecto del modo en que la crítica sociojurídica (no la crítica en sí misma) se expresaba, esto es, sin posibilidades ni propósitos aparentes de ir más allá de la “retórica de hablarle al poder con la verdad” (Kennedy, 2004), dispararon mi interés en estudiar la Corte Suprema argentina. En este sentido, esta investigación procura ser a la vez una *reacción* y una *respuesta*.

Por un lado, mi reacción se concentró en mantener mi análisis a distancia de las contingencias del campo y de los supuestos dogmáticos respecto del objeto de estudio. Es decir que, durante la investigación doctoral en la que se originó este libro (*Performing the Court: Forms and Practices of Legal Knowledge-Making in Argentina*, presentada en la Cornell University, Estados Unidos, en enero de 2009), procuré mantenerme alejada de la tentación de adoptar una postura normativa a priori en relación con la práctica judicial. Tal como observa el antropólogo Lawrence Rosen, “la tarea consiste en organizar estas influencias [todos los factores

históricos que moldean la vida de la gente] y observar de qué manera, dado el tema particular que se estudia, una distribución equilibrada de esos factores da mejor cuenta del tema en cuestión" (1989: 5). En otras palabras, lo que perseguía al comenzar mi investigación y mantengo en este libro es un planteo más metodológico-epistemológico que normativo, el cual busca sin embargo generar un conocimiento que ayude a una comprensión más compleja de la práctica judicial y del derecho. Al mismo tiempo, aunque no me aboco al análisis en particular del contexto poscrisis en el que se desarrollan las prácticas de las personas objeto de este estudio, la coyuntura e historicidad de dichas prácticas permanecen latentes en el trasfondo del relato, asomándose por momentos a través de la observación directa o bien por la referencia a fuentes secundarias.

Por otro lado, mi propuesta consiste en combinar las contribuciones teóricas de diferentes disciplinas para el estudio del derecho y las instituciones. Entre ellas, la antropología, la sociología, los estudios de derecho y sociedad (o *Law and Society*, como se los denomina en la academia anglosajona), el derecho comparado y, en líneas más generales, el pensamiento social contemporáneo. Dentro de este último, el abordaje que ofrecen los estudios sociales de la ciencia y la tecnología (CyT o, por sus siglas en inglés STS), y en particular el trabajo de Bruno Latour sobre el consejo de Estado francés (2004) y su versión de la Teoría del Actor-Red (TAR o, por sus siglas en inglés, ANT), me han permitido apreciar el derecho como parte de una red más extensa de prácticas de conocimiento, antes que un producto aislado (por caso, la decisión judicial) o la acción de unos pocos individuos (los jueces).<sup>1</sup> De esta manera, la amalgama de las perspectivas que encuentra en el libro da lugar a nuevas preguntas teóricas, al

<sup>1</sup> Cabe aclarar, sin embargo, que este interés en la obra de Latour es parte de una estrategia que busca incorporar al análisis la mayor cantidad posible de procesos y entidades, y no implica la necesidad de indagar respecto de su posición ontológica dentro de la red jurídica, cosa que sí le preocupa hacer a este autor (Valverde, 2008).



tiempo que despliega una estrategia metodológica que va más allá del análisis normativo o de la narrativa del estudio de casos, procurando además dejar de lado las falsas disyuntivas que han ido marcando el terreno de los estudios sociojurídicos, tales como *teoría versus trabajo empírico*, lo *normativo versus lo descriptivo*, la distinción entre *texto y contexto*, y la no menos importante "retórica" acerca de una interdisciplinariedad fundada en la distancia epistemológica entre la teoría legal y las ciencias sociales (Riles, 1994). En este sentido es que este trabajo se presenta como una *respuesta* que explora y ofrece una modalidad diferente para el abordaje del derecho; abriendo así diferentes posibilidades para el proyecto crítico.

Programa de História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia  
Doutorado  
Prova de segunda língua estrangeira (espanhol)  
Tradução de Daniele Martins dos Santos

## **A Corte Suprema em cena: uma etnografia o mundo judicial** **Leticia Barrera**

### **Formas, instrumentos e práticas.** **Introdução**

#### **Um objeto de estudo em crise**

O contexto de instabilidade que se seguiu a crise econômica dos anos 2001 e 2002 na Argentina foi marcado pelo ceticismo público acerca das instituições políticas e jurídicas, situação que veio junto com críticas já antigas a respeito do funcionamento do sistema judicial argentino, particularmente o da Suprema Corte. Assim, questões de transparência, *accountability* e segurança jurídica rapidamente se transformaram em temas políticos prioritários conduzidos, em particular, pelo discurso e pela ação de organizações não governamentais (ONG). Minha vivência e leituras sobre esses fatos, e uma espécie de frustração a respeito do modo em que a crítica sociojurídica (não a crítica em si mesma) se expressava, ou seja, sem possibilidades nem propósitos aparentes de ir mais além da “retórica de falar ao poder com a verdade” (Kennedy, 2004), despertaram meu interesse em estudar a Corte Suprema Argentina. Nesse sentido, essa investigação pretende ser, a uma só vez, uma reação e uma resposta.

Por um lado, minha reação se concentrou em manter minha análise longe das contingências do campo e das suposições dogmáticas a respeito do objeto de estudo. Quero dizer que, durante a investigação doutoral que deu origem a este livro (*Performing the court: Forms and Practices of Legal Knowledge-Making in Argentina*, apresentada na Cornell University, Estados Unidos, 2009), procurei me manter longe da tentação de adotar uma postura normativa *a priori* em relação a prática judicial. Tal como observa o antropólogo Lawrence Rosen, “a tarefa consiste em organizar estas influências [todos os fatores históricos que moldam a dia a dia das pessoas] e observar de que forma, dado o tema particular que se estuda, se alcança uma distribuição equilibrada que possa dar conta do tema em questão da melhor forma possível” (1989: 5). Em outras palavras, o que eu perseguia ao começar minha investigação e mantenho nesse livro é uma proposta mais

metodológica-epistemológica que normativa, a qual busca, sem embargo, gerar conhecimento que ajude a uma compreensão mais complexa da prática judicial e do direito. Ao mesmo tempo, ainda que eu não queira realizar a análise em particular do contexto pós-crise em que se desenvolveram as práticas das pessoas objetos desse estudo, a conjuntura e a historicidade dessas práticas permanecem latentes no plano de fundo do relato, espreitando por vezes através da observação direta ou pela referência a fontes secundárias.

Por outro lado, minha proposta consiste em combinar as contribuições teóricas de diferentes disciplinas para o estudo do direito e das instituições. Entre elas a antropologia, a sociologia, os estudos de direito e sociedade (o *Law and Society*, como se denomina na academia anglo-saxã), o direito comparado e, em linhas mais gerais, o pensamento social contemporâneo. Dentro desse último, a abordagem que oferece os estudos sociais da ciência e da tecnologia e em particular o trabalho de Bruno Latour sobre o conselho de Estado francês (2004) e sua versão da Teoria Ator-Rede (TAR, pela sigla em inglês), me permitem apreciar o direito como parte de uma rede mais extensa de prática do conhecimento, e não apenas um produto isolado (decisão judicial) ou a ação de uns poucos indivíduos (os juízes). Dessa maneira, o amálgama das perspectivas que se encontra nesse livro dá lugar a novas perguntas teóricas que, por sua vez, se desdobram numa estratégia metodológica que vai mais além da análise normativa ou da narrativa do estudo de casos, procurando também deixar de lado falsas disjuntivas que tem marcado terreno nos estudos sociojurídicos, tais como teoria versus trabalho empírico, o normativo versus o descritivo, a distinção entre texto e contexto, e a não menos importante “retórica” acerca de uma interdisciplinaridade fundada na distância epistemológica entre a teoria legal e as ciências sociais (Ricales, 1994). Nesse sentido é que o trabalho se apresenta como uma resposta e oferece uma modalidade diferente para a abordagem do direito, abrindo assim diferentes possibilidades para o projeto crítico.

## **Referência**

Barreira, Letícia. **La Corte Suprema em escena**: uma etnografía del mundo judicial. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2012 (p.29/31)